Quando o passado esconde segredos terríveis, será possível encontrar a felicidade no futuro?

A Verdade *sobre* Lorde STONEVILLE

SABRINA JEFFRIES

Autora bestseller do *New York Times*

TOP SELLER

Para Jean Devlin, grata pelo que fazes.
E para todos os leitores
que se apaixonaram por Lorde Stoneville
— eis, por fim, o livro sobre o vosso herói.

Caro Leitor,

Chamo-me Hester Plumtree, mas a maioria das pessoas trata-me por Hetty. Giro a cervejaria da família desde que o meu marido faleceu, e, embora haja pessoas que me critiquem por isso, costumo dizer que quem tem tempo para se queixar da vida dos outros, é porque tem pouco que fazer.

Claro que, quando se trata dos meus netos, abro uma exceção para mim. Tenho, certamente, o direito de lhes dizer o que devem fazer. Afinal, fui eu que praticamente os criei, após o pai deles, o marquês, e a mãe, a minha filha, terem morrido num trágico acidente. E nada mais direi sobre o assunto, que, por si só, já levanta tantos mexericos.

Verdade seja dita, tudo o que desejo é ter bisnetos. Será pedir muito? Porém, tudo o que os meus teimosos netos me dão são desgostos. O Oliver, por exemplo. Entendo que um jovem adulto queira divertir-se com uma ou duas bailarinas da ópera, mas o Oliver transformou esse prazer numa ciência! Entre a bebida e as mulheres, não houve um jornal sensacionalista que não tivesse escrito acerca dele — muitas vezes, juntamente com algum incidente malicioso sobre uma mulher seminua e um balde de brandy de contrabando. Atribuo as culpas ao pai dele, cujos hábitos, pouco civilizados, o Oliver adotou, após a morte dos progenitores.

Isto para não falar dos outros quatro: o Jarret e o jogo, a Minerva e os seus atrevidos romances góticos, o Gabriel e as corridas de

cavalos, e a Celia, que deseja disparar todas as pistolas que encontra. Há uma razão para que a alta sociedade lhes chame os Demónios de Halstead Hall. Não me interpretem mal — são bons netos, todos eles. Interessam-se pela minha saúde, acompanham-me aos acontecimentos sociais e garantem que eu não trabalhe demasiado. Contudo, recusam-se a desistir dos seus hábitos escandalosos, e para mim basta!

Assim, engendrei um modo de os forçar a acalmarem-se e a comportarem-se como os herdeiros que mereço. Não vão gostar, mas os tempos duros exigem medidas duras. Juro que terei bisnetos... muito em breve!

Atentamente,
Hetty Plumtree

Prólogo

Ealing, Inglaterra
1806

Oliver Sharpe, de 16 anos, herdeiro do Marquês de Stoneville, abandonou os estábulos de Halstead Hall com o coração nas mãos. A mãe partira a galope, fora de si, para o pavilhão de caça, e Oliver raramente a vira em tal estado. Estava quase sempre triste, a menos que algo de extraordinário a perturbasse. Como encontrar o filho numa das situações mais degradantes que se poderia imaginar. Sentiu-se mortificado de vergonha.

«És a desonra desta família!», gritara-lhe a mãe, irada, num tom atraiçoado de repulsa. «Comportas-te exatamente como o teu pai. E nem morta deixarei que ele te transforme, à sua semelhança, numa criatura maldosa e egoísta, sacrificando tudo e todos aos seus prazeres!»

Oliver nunca ouvira a mãe praguejar, e alarmava-o o facto de ter sido ele a incitá-la. Teria razão ao dizer-lhe que estava a transformar-se na imagem do seu desalmado e pérfido pai? Sentiu gelar-se-lhe o sangue só de pensar nisso.

Pior ainda, a mãe ia agora expor os seus pecados ao pai, e Oliver não podia detê-la, pois ela ordenara-lhe que se mantivesse longe da sua vista.

Porém, *alguém* deveria detê-la. Só a vira tão irritada uma vez, tinha Oliver 7 anos, ao descobrir a infidelidade do marido, acabando por queimar, no pátio, a coleção dos seus livros eróticos.

Só Deus sabia os danos que seria capaz de provocar agora, que acreditava que o filho seguia os passos do pai. Sobretudo a meio de uma festa!

Ao contornar o solar semifortificado que a família usava como casa de campo, Oliver avistou uma carruagem a subir pelo atalho de acesso, reconhecendo-a. O seu coração deu um salto. A avó! Graças a Deus que chegava! A mãe deveria dar ouvidos à sua própria mãe.

Oliver chegara à parte da frente da casa quando a carruagem parou. Apressou-se a abrir a porta à avó.

— Mas que bela surpresa! — disse ela, com um sorriso afetuoso, enquanto se apeava. — Agrada-me que não tenhas perdido as boas maneiras, como alguns rapazes da tua idade.

Normalmente, Oliver ter-lhe-ia respondido com um comentário mordaz, e ele e a avó teriam trocado algumas observações sem perderem o bom humor. Contudo, naquele momento não foi capaz, tal era o medo que sentia.

— A mãe está zangada com o pai — murmurou Oliver, oferecendo-lhe o braço para a acompanhar até à casa. Os criados não deveriam escutar. As infidelidades do pai já eram motivo de bisbilhotice, pelo que não seria necessário alimentar mais os tubarões.

— Isso não é novidade, pois não? — comentou a avó, secamente. — Desta vez é diferente. Está furiosa. Discutimos, e ela saiu disparada a cavalo em direção ao pavilhão de caça.

— Provavelmente foi à procura do teu pai.

— É isso que eu receio. A avó sabe como ele gosta de provocar a minha mãe. Se ele lá estiver, ela será capaz de qualquer coisa.

— Ótimo! — A avó lançou-lhe um sorriso irónico. — Talvez ela destrua esse maldito pavilhão. Depois o Lewis não terá para onde levar as suas prostitutazinhas.

— Que diabo, avó! Estou a falar a sério! — Ela ergueu as sobrancelhas perante o tom dele, e Oliver conteve-se. — Peço desculpa,

mas isto não costuma acontecer. Tem de ir atrás dela, falar com ela e acalmá-la. É importante. A minha mãe não vai ouvir-me.

A avó semicerrou os olhos.

— Haverá alguma coisa que não me estejas a contar?

Ele corou.

— Claro que não!

— Não mintas à tua avó. Porque discutiste com a tua mãe?

Oliver não podia dizer-lhe. Estremecia só de pensar no assunto.

— Não importa. Acredite em mim quando lhe digo que ela precisa de si.

A avó soltou um grunhido.

— A tua mãe não precisa de mim desde o dia em que nasceu.

— Mas avó...

— Olha, Oliver — interrompeu-o ela, dando-lhe uma palmadinha na mão, como se ele ainda fosse um menino —, sei que és muito chegado à tua mãe e que ficas perturbado quando a vês zangada. Mas se lhe deres tempo para refletir e para se acalmar, vais ver que a fúria passa. Garanto-te.

— Não. A avó tem de...

— Basta! — disse ela, irritada. — Fiz uma viagem longa e difícil e estou cansada. Preciso de uma chávena de chá quente e de uma boa sesta. Não me apetece interferir nas discussões dos teus pais. — Perante a expressão de desespero do neto, suavizou o tom de voz. — Bom, se ela não regressar ao final do dia, prometo ir procurá-la. Vais ver como em breve estará de volta, arrependida, e tudo será esquecido.

Contudo, a mãe de Oliver não regressou. Nessa noite, no pavilhão de caça, matou o marido, e, a seguir, suicidou-se.

A partir daí, a vida de Oliver nunca mais foi a mesma.

Um

Ealing
1825

Oliver olhava fixamente pela janela da biblioteca de Halstead Hall. Aquele triste dia de inverno estava a deixá-lo ainda mais deprimido, enquanto tentava afugentar as recordações dolorosas de volta ao robusto cofre-forte onde geralmente as guardava. Aqui tornava-se bem mais difícil do que na cidade, onde podia perder-se com prostitutas e vinho.

Porém, nem na cidade se perdia por muito tempo. Embora o escândalo tivesse ocorrido há 19 anos, ainda se faziam ouvir murmúrios à sua passagem.

Naquela noite, a avó dissera aos convidados que a mãe dele se dirigira ao pavilhão de caça para ficar sozinha, e adormecera. Acordara com o ruído de alguém que pensara ser um intruso e, em pânico, disparara sobre ele, para logo descobrir que se tratava do marido. Então, num estado de consternação e de dor, voltara a pistola para si.

Era uma versão duvidosa, que tentava encobrir, o melhor possível, um assassinato e um suicídio. Os rumores nunca cessaram, pois os convidados começaram imediatamente a especular sobre a verdade. A avó ordenara que, a partir desse dia, Oliver e os irmãos não discutissem o assunto com pessoa alguma, nem sequer entre eles.

Dissera que, assim, se calariam as más-línguas. Oliver, porém, perguntava-se com frequência se não seria porque a avó o considerava responsável pelo que acontecera. Se assim não fosse, porque

mudara de ideias, há alguns meses, interrogando-o acerca da discussão que ele tivera com a mãe nessa noite? Claro que ele não respondera. Só de pensar em confessar-lhe a verdade, revolvia-se-lhe o estômago.

Deu meia-volta, afastando-se da janela, e dirigiu-se à mesa onde se encontravam os irmãos à espera da avó. Era precisamente por isso que evitava Halstead Hall — aquele lugar tornava-o sentimental.

Porque diabo pedira a avó que a maldita reunião se realizasse precisamente ali? Há anos que ele mantinha a casa fechada. Cheirava a humidade e a podridão, e, além disso, estava tão gelada como a Antártida. O gabinete onde o seu administrador trabalhava era a única divisão sem lençóis para protegerem os móveis do pó. Tiveram de retirar as proteções na biblioteca para realizar a reunião, que a avó poderia perfeitamente ter convocado para a sua casa da cidade.

Em circunstâncias normais, Oliver teria recusado o pedido de reunir a família na sua propriedade abandonada. No entanto, desde o acidente que o seu irmão Gabriel sofrera três dias antes, a relação da avó com ele e com os outros netos tornara-se tensa, ainda mais evidente dado o incaraterístico silêncio dela acerca do assunto. Algo se passava, e Oliver suspeitava que não seria do agrado de nenhum deles.

— Como está o teu ombro? — perguntou a sua irmã Minerva a Gabe.

— O que achas? — resmungou Gabe. Mantinha o braço apoiado num lenço, por baixo do enrugado casaco de montar, e o seu cabelo castanho-acinzentado estava, como de costume, despenteado. — Dói-me como um raio!

— Não te irrites *comigo*. Não fui eu quem quase se matou.

Com 28 anos, Minerva era a irmã do meio — quatro anos mais nova do que Jarret, o segundo mais velho, dois anos mais velha do que Gabe, e quatro anos mais velha do que Celia, a caçula. Porém, sendo a rapariga mais velha, tinha tendência para tratar os irmãos como se fossem seus filhos.

Parecia-se até com a mãe, de pele branca, cabelo castanho com madeixas douradas e olhos verde-escuros, como os de Gabe. Não havia praticamente semelhança nenhuma entre esses dois e Oliver, que herdara o tom de pele do pai, de ascendência italiana — moreno, de olhos e cabelo escuros. E com um coração escuro a condizer.

— A tua sorte foi o tenente Chetwin ter recuado a tempo — declarou Celia, dirigindo-se a Gabe. Era uma versão um pouco mais clara do que Oliver, como se alguém tivesse acrescentado umas gotas de leite à sua cor natural, e tinha olhos cor de avelã. — Dizem que tem mais coragem do que juízo.

— Por isso é que ele e o Gabe fazem um bom par — resmungou Oliver.

— Não te metas com ele, por favor — interveio Jarret. Detinha uma mistura de ambos os progenitores, de cabelo negro, mas olhos azul-esverdeados, sem vestígios das feições italianas de Oliver — Tem-lo criticado desde essa estúpida corrida de carruagens. Ele estava embriagado, um estado que deves conhecer muito bem.

Oliver olhou-o com ar de poucos amigos.

— Pois sim, mas *tu* não estavas embriagado, e, no entanto, deixaste-o...

— Não culpes o Jarret — interrompeu Gabe. — O Chetwin desafiou-me. Considerar-me-ia um cobarde se me tivesse recusado.

— Antes cobarde do que morto. — Oliver não tolerava idiotices. Não havia nada por que valesse a pena arriscar a vida. Nem uma mulher, nem a honra e muito menos a reputação. Era pena ainda não ter sido capaz de convencer os seus irmãos idiotas disso.

E, precisamente, Gabe deveria sabê-lo. A corrida em que participara era a mais perigosa de Londres. Dois penhascos enormes flanqueavam o caminho, tornando-o tão estreito que apenas um carro podia passar entre eles, obrigando o condutor a abrandar no último momento, para evitar ser esmagado pelas rochas. Em muitas ocasiões, os participantes faziam-no demasiado tarde.

Chamavam-lhe «passar no buraco da agulha»; Oliver considerava-o uma loucura. Chetwin recuara, sim, mas a carruagem de Gabe batera de encontro à saliência de um dos penhascos, uma das rodas estilhaçara-se e, logo a seguir, o veículo ficara reduzido a um emaranhado de madeira, couro rasgado e metal retorcido. Felizmente, os cavalos haviam sobrevivido, e Gabe tivera a sorte de sair do acidente apenas com uma clavícula fraturada.

— Não foi só a mim que o Chetwin insultou, sabem? — Gabe ergueu o queixo com petulância. — Disse-me que eu não me atrevia a aceitar o desafio porque era um cobarde como a nossa mãe, que disparava contra sombras. — A raiva embargava-lhe a voz. — Chamou-lhe a Assassina de Halstead Hall.

A calúnia, já habitual, fez com que os outros se sentissem tensos, e Oliver rangeu os dentes.

— A mãe morreu há anos. Não é preciso defenderes-lhe a honra.

Gabe lançou-lhe um olhar gelado.

— Alguém tem de a defender, já que tu não o fazes.

Claro que não o faria. Ela fizera o impensável, e ele nunca lhe perdoaria. Nem a si próprio, por ter deixado que tal acontecesse.

A porta abriu-se e a avó entrou, seguida de Elias Bogg, o advogado da família. Os irmãos contiveram a respiração. A presença de um advogado nada augurava de bom.

Enquanto Bogg se sentava, a avó deteve-se à cabeceira da mesa, com um semblante cansado que tornava mais profundas as rugas do seu rosto. Oliver sentiu-se invadido por um novo tipo de culpa. Ultimamente, a avó parecia ainda mais velha do que os seus 71 anos, como se o peso das responsabilidades lhe curvasse os ombros e reduzisse a altura.

Tentara convencê-la a deixar a gerência da cervejaria, fundada pelo avô, e a contratar um administrador, mas ela recusava-se. Gostava do trabalho, dizia-lhe. E o que iria fazer? Retirar-se para o campo e dedicar-se aos bordados? Depois ria-se da ideia da viúva de um cervejeiro a bordar.

Talvez tivesse razões para rir. Hester Plumtree — ou Hetty, como lhe chamavam — era aquilo que muitos definiam como uma mulher «do povo». Os pais eram donos de uma taberna, onde ela conhecera o marido, e os dois haviam convertido a Cervejaria Plumtree num império suficientemente grande para poderem pôr Prudence, a mãe de Oliver, numa das melhores escolas. Suficientemente grande para que Prudence conseguisse caçar um marquês sem dinheiro.

A avó sempre se gabara do facto de a filha ter conseguido uma aliança com um dos ramos mais antigos da aristocracia britânica, mas jamais conseguira ocultar a sua origem «comerciante». Esta surgia nos momentos mais estranhos — quando bebia um pouco de cerveja ao jantar ou quando se ria de uma piada obscena.

Ainda assim, estava decidida a que os netos se transformassem naquilo que ela nunca fora: verdadeiros aristocratas. Hetty detestava a tendência que tinham para escandalizar a alta sociedade, que os considerava o fruto fracassado de um casal indecoroso. Pelo seu empenho em erguer a família, sentia-se merecedora de ver os frutos do seu trabalho materializarem-se em bons casamentos e bisnetos, e irritava-se ao ver que nenhum dos seus descendentes se apressava a fazer-lhe a vontade.

Oliver compreendia, até certo ponto, que a avó se sentisse assim. Embora tivesse estado frequentemente ausente enquanto eles eram pequenos, ocupada na administração da Cervejaria Plumtree após a morte do marido, fora a figura mais semelhante à de uma mãe para os mais novos, que a adoravam. E ele também a adorava, quando não estavam a discutir por motivos financeiros.

— Senta-te, Oliver. — A avó fitou-o com os seus perscrutadores olhos azuis. — Fico nervosa de te ver andar de um lado para o outro.

Oliver parou, mas não se sentou.

A avó franziu a testa e endireitou os ombros.

— Tomei uma decisão a vosso respeito, meninos — informou-os, como se os netos ainda fossem crianças. Examinou a sala e

continuou num tom mais severo. — Já é tempo de assentarem. Por isso, dou-vos um ano, em que as coisas se manterão como estão. A partir desse momento, vou deixar de vos valer, a todos, sem exceção. E excluir-vos-ei do meu testamento. — Ignorou a exclamação de espanto. — A menos que... — fez uma pausa, para criar expetativa.

Oliver rangeu os dentes.

— A menos que o quê?

A avó voltou-se para ele.

— A menos que haja casamento.

Oliver já calculara. Aos 35 anos, passara bastante da idade em que os homens da sua condição se casavam. A avó lamentava-se com frequência por não haver ainda um herdeiro para o título, mas quem, no seu perfeito juízo, gostaria de ver a continuação daquela abençoada linhagem? Os pais tinham casado por dinheiro e o resultado fora um desastre. Por mais que as finanças de Oliver se afundassem, não estava disposto a repetir o erro.

A avó sabia o que ele pensava, e o facto de recorrer aos irmãos para garantir que ele aceitasse o seu jogo era uma dolorosa traição.

— A avó não deixaria os meus irmãos e irmãs sem um tostão só para me obrigar a casar — atreveu-se Oliver a dizer.

— Creio que não me entendeste — declarou ela, friamente. — Quando falei em casamento, não me referi apenas a ti, mas a todos. — Olhou para todos os netos. — Quero ver-vos todos casados dentro de um ano, ou despeçam-se da vossa herança. E mais: rescindirei o contrato da minha casa da cidade, já que o mantenho porque as meninas lá vivem. Não receberão dotes e deixarei também de pagar a hospedagem do Gabe e do Jarret em Londres, bem como os estábulos dos vossos cavalos. Se não se casarem os cinco, digam adeus ao vosso sustento. Passarão a ser da exclusiva responsabilidade do Oliver.

Oliver gemeu. A propriedade que herdara, difícil de gerir, lá se ia aguentando, mas não era autossuficiente.

Gabe levantou-se da mesa, indignado.

— Avó, não pode fazer isso! Onde vão viver as meninas? E onde vamos viver eu e o Jarret?

— Aqui, em Halstead Hall, suponho — respondeu ela, aparentemente sem remorsos.

Oliver olhou-a com má cara.

— Sabe perfeitamente que tal é impossível. Teria de abrir esta casa.

— E Deus nos livre que isso aconteça — afirmou Jarret, com uma nota de sarcasmo. — Além disso, o Oliver tem o rendimento da propriedade. Portanto, mesmo que nós acatássemos o que a avó nos pede, ele não terá de o fazer, pelo que ficaremos penalizados se ele recusar.

— São estas as minhas condições — disse a avó com frieza. — E não são negociáveis, meu rapaz.

Apesar do que Jarret pudesse pensar, a avó sabia que Oliver não deixaria que os irmãos sofressem. Encontrara, por fim, uma forma de fazer com que todos lhe obedecessem: usar o afeto que sentiam uns pelos outros, a única constante nas suas vidas.

Era um plano brilhante, diabólico. E, provavelmente, o único esquema que resultaria.

Jarret mandá-la-ia para o inferno se fosse o único envolvido, mas não condenaria as irmãs a ficarem solteironas ou a terem de ir trabalhar como governantas. Minerva, que conseguia ganhar algum dinheiro com os livros que escrevia, poderia enfrentar a avó e tentar viver dos seus lucros, mas também não se atreveria a condenar os outros à pobreza.

Preocupavam-se uns com os outros, o que significava que todos se sentiriam obrigados a aceitar a decisão da avó, inclusivamente Oliver.

— Podiam tornar este lugar autossuficiente, se quisessem — fez-lhes notar. — Talvez se repartissem entre os cinco as responsabilidades de o administrar... — Fez uma pausa para lançar a Oliver

um olhar severo. — Ou se o vosso irmão se interessasse mais por ele, em vez de o deixar ao cuidado do administrador e de passar os dias a beber e a divertir-se com mulheres. Assim, talvez rendesse o suficiente para que todos vivessem com conforto.

Oliver conteve-se, para não ser indelicado. Sabia por que razão a avó mal suportava aquele lugar. O pai casara com a mãe por dinheiro, para poder salvar a preciosa herança da família, e ele não estava disposto a que aquela maldita propriedade e tudo o que ela representava o destruísse, como acontecera com os seus pais.

A avó prosseguiu:

— Sei que o Oliver vendeu a última parte da propriedade da família que não estava vinculada ao título para poder pagar as várias dívidas que vocês, cavalheiros, foram acumulando, e que eu me recusei a pagar. Pouco resta das propriedades não vinculadas que possam vender. Dependem agora do que eu vos der se quiserem viver com algum conforto.

A avó tinha razão. Sem a casa da cidade e o alojamento dos irmãos, não teriam outro remédio senão mudarem-se todos para ali. Nem sequer Oliver tinha onde ficar — a propriedade em Acton, a que a avó aludira, fora a sua casa até há pouco. Ficara a viver com os irmãos enquanto resolvia o que fazer. Porém, não planeara que esta propriedade tivesse de os manter a todos, incluindo as futuras esposas e filhos dos irmãos.

Não era de espantar que a avó tivesse conseguido administrar a cervejaria com tanto sucesso nos últimos 22 anos. Era um verdadeiro Maquiavel de saias.

— Então, quem herdaria a Cervejaria Plumtree? — perguntou. — Isto significa que não será o Jarret, como o avô desejava?

— Deixá-la-ia ao vosso primo Desmond.

Jarret gemeu e, ao mesmo tempo, Minerva soltou um grito.

— Não pode deixá-la ao Desmond. Ele acabava com ela!

A avó encolheu os ombros.

— O que me importa? Já terei morrido. E se vocês não tomarem as medidas necessárias para garantirem a sua permanência na família, pouco importa em que mãos acabará, não é verdade?

Celia levantou-se para protestar.

— A avó sabe o que o Desmond fará. Há de contratar crianças e obrigá-las a trabalhar até à morte. — Celia era voluntária numa associação de caridade que lutava pela melhoria das leis de trabalho infantil. Era a sua paixão. — Veja como administra as fábricas. Não pode deixar-lhe a cervejaria.

— Posso deixá-la a quem me apetecer — disse a avó, com um olhar gélido.

Estaria certamente a brincar. Detestava Desmond tanto quanto eles. Porém, na verdade, nunca fora de brincar com coisas sérias.

— Suponho que tenha também escolhido os nossos futuros cônjuges — declarou Oliver com amargura.

— Não. Isso é convosco. Mas sei que não assentarão sem que eu vos obrigue; mimei-vos durante demasiado tempo. Chegou o momento de cumprirem o vosso dever em relação à família, o que significa porem neste mundo a geração seguinte, para dar continuidade ao meu legado.

Celia deixou-se cair pesadamente na cadeira.

— Eu e a Minerva não podemos escolher um marido por puro capricho. Têm de ser os homens a proporem-nos casamento. E se nenhum o fizer?

A avó revirou os olhos.

— São ambas jovens encantadoras, e os cavalheiros voltam a cabeça ao ver-vos passar. Se tu, Celia, deixasses de desafiar os amigos dos teus irmãos para concursos de tiro, algum deles declarar-se-ia, certamente, num instante. E se a Minerva deixasse de escrever esses horrorosos romances góticos...

— Nunca! — protestou Minerva.

— Pelo menos usa um pseudónimo. Não percebo porque continuas a dar a conhecer que és a autora dessas histórias vergonhosas, escandalizando toda a gente. — Olhou, então, para Jarret e Gabe. — Quanto a vocês, seria bom que, de vez em quando, fossem a um baile. Jarret, *não* precisas de passar todas as noites em clubes de jogo; e, Gabe — soltou um suspiro profundo —, se ao menos não te metesses em corridas com todos os idiotas que te desafiam, terias bastante tempo para procurar uma noiva. Rapazes, sois perfeitamente capazes de atrair donzelas respeitáveis. Nunca me pareceu que tivessem problemas em levar para a cama cortesãs e atrizes.

— Valha-me Deus! — murmurou Gabe, corando até às orelhas. Uma coisa era meter na cama uma prostituta, e outra ter de ouvir os comentários da avó a esse respeito.

Hetty fitou Oliver.

— E todos sabemos que o vosso irmão tem uma vantagem considerável: o título.

— Sim, e a história de trocar o título por dinheiro acabou muito bem para os nossos pais — respondeu Oliver, sarcástico. — Já percebi que está desejosa de que eu repita a transação.

Oliver ignorou a pontada de remorsos que sentiu no peito ao ver a dor invadir o rosto da avó. Se ela os queria obrigar àquilo, teria de arcar com as consequências.

As últimas palavras da mãe ecoavam-lhe no cérebro. «És a desonra desta família!»... Sentiu um calafrio na espinha. Avançou até à porta e abriu-a abruptamente.

— Posso dar-lhe uma palavra em particular, avó?

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Como queiras.

Assim que se encontravam longe dos ouvidos dos outros, Oliver enfrentou-a.

— Não conseguirá mudar nada obrigando-me a casar com uma infeliz qualquer.

— Tens a certeza? — A avó fitou-o com firmeza, mas com uma expressão mais suave nos olhos azuis. — Vales mais do que essa vida sem sentido que levas, Oliver.

Deus do céu! Se ela soubesse...

— Isto é o que eu sou. Já é tempo de o aceitar, como fez a minha mãe.

A avó empalideceu.

— Sei que não gostas de falar sobre o que se passou nesse dia...

— Pois não — interrompeu-a ele. — Nem falo. — Não falaria nem com a avó nem com nenhuma outra pessoa.

— Não falas do assunto porque pensas que a culpada sou eu.

— Isso não é verdade, que raio! — Culpava-se a si próprio. Se ao menos tivesse partido a cavalo atrás da mãe, assim que esta desaparecera. Se tivesse pressionado mais a avó. Se ao menos... se ao menos... — Não a culpo por nada no passado. Mas *irei* culpá-la por isto.

— Tenho a certeza de que até tu percebes que alguma coisa tem de ser feita.

— Porquê? A Minerva e a Celia acabarão por casar, e o Gabe e o Jarret aproveitam as últimas aventuras de solteiros. Dê-lhes tempo, que acabarão por assentar.

— Mas *tu* não.

— Isso é diferente.

— É diferente porquê?

— Por que razão está, de repente, tão ansiosa por ver-nos todos casados?

— Responde à minha pergunta, e eu repondo à tua.

Era, então, aquilo que a avó queria — obrigá-lo a uma confissão dos seus pecados. Pois bem, nunca o conseguiria.

— Mais cedo ou mais tarde, Oliver, terás de falar sobre o que aconteceu naquele dia — continuou ela, ao ver que ele não respondia. — Nem que seja para conseguires pôr o assunto para trás das costas, de uma vez por todas.

— *Já* o fiz — respondeu-lhe ele, dando meia-volta e dirigindo-se à porta.

Enquanto a abria de rompante, a avó exclamou:

— Não vou mudar de ideias acerca da herança nem do resto. Ou casas, ou perdes tudo. — Ao ver que ele se detinha com a mão sobre o puxador, aproximou-se e olhou para os netos, dentro da sala. — Estou cansada de que vos chamem «os Demónios de Halstead Hall» nos tabloides. De ler que a minha neta mais nova horrorizou de novo a sociedade aparecendo num qualquer concurso de tiro. — Ergueu o olhar para Gabe. — Ou que o meu neto quase perdeu a vida numa corrida. Isto tem de acabar já!

— E se nos comprometermos a ser mais discretos de futuro? — inquiriu Oliver com brusquidão.

— Não basta. Talvez quando todos tiverem alguém que dependa de vocês... um cônjuge e filhos... possam finalmente dar valor ao que têm.

— Que diabo, avó!

— Não praguejes, Oliver. Acabou a discussão. O Sr. Bogg vai explicar-vos os pormenores das minhas exigências, e poderão colocar-lhe *a ele* as vossas dúvidas. Tenho de comparecer a uma reunião na cervejaria.

Afastou-se pelo corredor, marcando os passos com a bengala.

Quando Oliver se juntou a eles, na sala, todos se voltaram para o Sr. Bogg.

— O que a avó disse não é a sério, pois não? — perguntou um deles.

— Como pode ela fazer-nos isto? — admirou-se outro.

— Tem de a convencer a desistir — pediu um terceiro.

Bogg recostou-se na velha cadeira, que rangeu como que a protestar.

— Lamento, mas nada posso fazer. Depois do acidente de Lorde Gabriel, a vossa avó resolveu não assistir à morte dos netos sem que antes cumpram o vosso dever para com a família.

— Vês o que fizeste, Gabe?! — exclamou Celia. — Estragaste tudo!

— Não se trata do Gabe — afirmou Oliver, abatido. — Trata-se de mim. A avó não quer perder o título e a posição, que tanto lhe custaram conseguir para a família. Está resolvida a que um de nós lhes dê continuidade.

— Então porquê obrigar-me a mim e à Celia a casar? — perguntou Minerva.

— Perdão, Vossa Senhoria — interrompeu Bogg —, mas está enganado. Ela está preocupada com todos vós. Quer ter a certeza de que todos assentaram antes de ela morrer.

Oliver voltou bruscamente a cabeça para o advogado.

— Morrer? A avó está doente? — A possibilidade fê-lo sentir um aperto no estômago. — Há alguma coisa que não saibamos? — Ficaria assim explicado aquele súbito esquema.

Bogg fez uma curta pausa antes de abanar a cabeça.

— A vossa avó está simplesmente cansada de esperar para ter bisnetos.

Nisso Oliver conseguia acreditar.

Bogg pigarreou.

— Têm mais perguntas?

— Apenas uma — respondeu Oliver. — Ela não estipulou, de facto, *com quem* devemos casar? — Tivera uma ideia para arrasar aquele plano louco.

— Não há qualquer estipulação a esse respeito. Porém, há outras regras.

Oliver escutou atentamente os pormenores. Tinham de casar em Inglaterra e nenhum deles poderia fugir para casar à pressa em Gretna Green, por a avó recear que tal fosse posto em causa por um tribunal. Felizmente, nenhuma das condições citadas por Bogg afetava o plano que se formava na mente de Oliver.

Depois de o advogado acabar de cumprir as suas atribuições, abandonando-os ao desgosto, Minerva apelou a Oliver:

— Tens de convencer a avó de que isto é uma loucura. Não percebo porque terei de suportar um marido, uma vez que estou perfeitamente satisfeita com a minha vida.

— Também não estou desejoso de casar, Minerva — resmungou Jarret. — A seguir, vai obrigar-me a administrar a maldita cervejaria. E isso é a última coisa que desejo fazer.

— Sugiro que nos mudemos para aqui, e que façamos o que for preciso para não necessitarmos do dinheiro dela — interveio Celia. — Fazemos o que ela disse, e administramos juntos a propriedade.

— Sim, porque és muito entendida em administração de propriedades — ripostou Gabe.

— Bom, a Celia tem alguma razão — acrescentou Minerva. — Se lhe mostrarmos que conseguimos valer-nos pelos nossos próprios meios, talvez a avó reformule o seu plano. Além disso, se vamos acabar por ficar aqui, será melhor que nos habituemos.

— Valha-me Deus! — Jarret lançou um olhar severo a Oliver. — Não queres que nos mudemos todos para aqui, pois não?

Oliver suspirou.

— Preferia nunca mais pôr aqui os pés. Infelizmente, a ideia da Celia é lógica. Se viermos viver para aqui, estragamos o plano à avó. Podemos convidá-la a visitar-nos, para que veja os frutos do seu disparate, se decidir levá-lo avante. — Fez um esforço para conter a sua repugnância pela ideia de voltar a viver em Halstead Hall. Seria, porém, apenas até poder executar o seu plano. Depois a vida voltaria ao normal. — Entretanto, tenho outro ás na manga — continuou. — É arriscado, mas pode obrigar a avó a dar o braço a torcer. Ela não pensou em todos os pormenores, e estou disposto a fazer com que se aperceba disso. Ainda tenho algum dinheiro da venda da última propriedade, e eis o que vos proponho...

Dois

— Por amor de Deus, Freddy, apressa-te! — resmungou Maria Butterfield para o primo esquelético, enquanto atravessava a rua enlameada. O empregado à frente deles caminhava a um passo difícil de seguir. Já era mau terem de suportar o desgraçado clima inglês, mas, se perdessem de vista o sujeito, não saberiam como encontrar Nathan Hyatt, e Maria não queria correr esse risco. Não após a longa viagem desde Dartmouth, no Massachusetts, para se encontrar com o noivo.

— Tens a certeza de que aquele saco pertence ao Nathan? — perguntou Freddy, ofegante.

— Tem a inscrição de ambos os lados, tal como o que mandei fazer especialmente para ele. E o homem que o leva estava na mesma zona que a London Maritime, onde o Nathan foi visto há três meses. Preciso apenas de me aproximar mais um pouco para ter a certeza.

— Como tencionas fazê-lo? E nem penses que eu o farei. Não me vou meter em confusões com um inglês violento só porque tu dizes.

— Pensei que trazias essa espada para me protegeres. — Desde a sua chegada a Londres que Freddy trazia à cintura a antiga espada do pai e a respetiva bainha. Chamavam a atenção onde quer que fossem, pois, nesse tempo, já ninguém andava armado pelas ruas.

— Serve para *me* proteger — contrapôs Freddy. — Ouvi dizer que aqui se praticavam duelos só por graça. Não fiz esta viagem para ver destruída a minha espada preferida.

Maria soltou uma exclamação de desdém.

— Vieste porque os teus irmãos mais velhos têm de cuidar das respetivas famílias e porque a tia Rose te teria puxado as orelhas se não viesses. — Suavizou o tom ao ver Freddy corar. — Além disso, não há necessidade de duelos. Vamos convencer o homem a deixar-nos examinar o saco de forma pacífica... assim que percebermos para onde vai. Espero que nos conduza ao Nathan.

— Espero que nos conduza a um lugar que venda empadas. Há quase três horas que não comemos. — O estômago de Freddy emitiu um ronco, como que para lhe dar razão. — Não sabia que tencionavas matar-me à fome.

Ela suspirou. Freddy vivia num permanente estado de fome. A tia Rose dizia que todos os rapazes de 21 anos comiam como touros, mas, naquela ocasião, Maria preferiria que comessem como frangos e lutassem como touros. Freddy estava a transformar-se num protetor dispendioso, dada a forma como comia as suas economias.

Desejava que Nathan tivesse ficado na América, de onde não deveria ter saído. Desejava que o pai não tivesse morrido...

O desgosto invadiu-a à medida que atravessava um lamaçal gelado. Ainda não conseguia acreditar. O pai não se mostrara, nos últimos tempos, tão forte como de costume. Porém, nunca esperara que ele morresse no escritório de um ataque cardíaco fulminante aos 65 anos.

Ocorreu-lhe um pensamento que a perturbou. Se Nathan não tivesse recebido as suas últimas cartas, nem saberia que o pai dela havia morrido. Nem saberia que era agora o único dono da New Bedford Ships, partindo do princípio que casaria com ela, conforme o acordado.

E se *não* casasse com ela? Seria por isso que não sabia dele há meses? Teria decidido escapar ao noivado?

Qualquer homem se cansaria das contínuas exigências do pai dela para que Nathan provasse ser digno de administrar a empresa antes de casar com a mulher que herdaria metade dela. Essas exigências haviam enviado Nathan a Inglaterra para negociar uma venda lucrativa de grandes veleiros à London Maritime. Talvez, ao chegar a Londres, tivesse reconsiderado o compromisso.

Sentiu os olhos rasos de água. Não, ele nunca o faria. Era um homem honrado. A relação poderia ser menos apaixonada do que a de alguns casais de noivos, mas Nathan gostava dela, e ela dele. Devia ter acontecido algo terrível — ele nunca se esquivaria das suas responsabilidades. Tinha de o encontrar. Não podia perdê-lo também, agora que perdera o pai.

Contudo, aquele saco nas mãos de outro homem não augurava nada de bom acerca da situação de Nathan. Ele nunca o entregaria a ninguém. O homem devia tê-lo roubado.

O coração dela batia ao ritmo dos seus passos apressados. Provavelmente, Nathan jazia morto algures num campo, assassinado por um traidor inglês. E se estivesse...

Não podia pensar nessa possibilidade, pois temia ir-se abaixo.

— Boneca... — começou Freddy, baixinho.

— Não me chames isso! Já não somos crianças.

Além disso, Nathan considerava-o pouco apropriado para uma dama. Era esquisito em relação a esses pormenores, pois fora criado na alta sociedade de Baltimore, antes de, há seis anos, se ter mudado para a pequena Dartmouth, constituindo uma sociedade com o pai dela.

— Desculpa, Boneca... Maria — resmungou Freddy. — Esqueço-me sempre. — Aproximou-se. — Acho que não deveríamos andar na rua depois de escurecer. Esta parte da cidade não me parece muito recomendável. As damas andam por aqui... bom... pouco vestidas.

Maria estivera tão concentrada em não perder o homem que seguia à sua frente que nem reparara onde estava. Ao olhar em volta, sentiu um baque no coração. Nas janelas por cima deles, viam-se mulheres escassamente vestidas, com os seios a sair dos corpetes. Deviam estar geladas, mas, evidentemente, essa questão não era primordial nas suas intenções.

Maria imobilizou-se, ao recordar que tivera de ir buscar o pai a lugares como aquele, quando ninguém mais queria ir atrás dele.

— Venha, senhor! — Uma delas chamou Freddy, soltando uma nuvem de vapor. — Tenho aqui um buraquinho que o vai fazer levantar num instante.

— Pode experimentar o meu por meia libra, senhor — acrescentou outra.

Maria não compreendia o que diziam, mas, a julgar pela cor que tomavam as faces sardentas de Freddy, imaginava que fossem coisas bastante... brejeiras.

— Vamos voltar para a estalagem — disse Freddy.

— Não, ainda não. O nosso homem parou ali mais à frente, e só temos de deitar uma olhadela ao saco. Podemos não voltar a ter outra oportunidade.

Esperaram até que o homem entrasse no edifício. Depois, então, aproximaram-se. A rua encheu-se de um riso rouco e o som alegre de um violino. Pela janela, Maria viu pares que dançavam... maliciosamente.

Os olhos castanhos de Freddy observavam a casa, à medida que os homens que acendiam os candeeiros percorriam as ruas com os seus archotes.

— Não podes entrar aqui. Não é lugar para uma mulher respeitável.

— Já percebi isso. — Maria estremeceu no seu casacão negro, atingida por uma rajada de vento. — Parece-me que se trata de um bordel.

— Boneca! — As faces dele brilharam, vermelhas como o seu cabelo despenteado. — Não deves falar de tais coisas!

— Porquê? Ambos sabemos que o meu pai ia a um todos os sábados à noite. — Ela voltou-se para o primo. — Porque não entras *tu*? Não notarão se um homem entrar. Procura o saco e vê se é o do Nathan.

— E se for? O que faço?

— Atrai o homem cá para fora, para eu poder falar com ele. Diz-lhe que a mãe o espera, e que entrará se ele não sair. Nenhum rapaz deseja tal coisa. — Freddy olhou-a, incrédulo, e ela suspirou. — Se fizeres o que te peço, compro-te todas as empadas que quiseres.

— Muito bem. — Sacou da espada e entregou-lha. — É melhor que a guardes. Não deves ficar na rua sem proteção.

Maria ficou comovida por ele lhe emprestar a sua preciosa espada, embora fosse apenas por um momento.

— Obrigada. — Deu-lhe um empurrão. — Agora vai ver se o saco é do Nathan.

Com um suspiro profundo, Freddy subiu os degraus. Procurando não chamar as atenções, Maria escondeu-se nas sombras. Abafou uma gargalhada ao ver que ele hesitava antes de entrar. Qualquer outro indivíduo do sexo masculino da idade de Freddy morreria de vontade de entrar num bordel, mas, como sempre, o primo só pensava em comida, embora, por mais que metesse na boca, se mantivesse magro como um palito. A ela, por seu turno, bastava-lhe adicionar açúcar ao chá durante uma semana para começar a transbordar do espartilho. Não era justo.

A vida, porém, raramente era justa para as mulheres. Se tivesse nascido homem, herdaria a empresa do pai, e este nunca teria mandado vir um estranho. Não que não gostasse de Nathan. Ele era inteligente e bem-parecido, o tipo de marido cobiçado por muitas mulheres. E teria poucas possibilidades de encontrar um partido semelhante em Dartmouth. Era uma pequena vila piscatória com meia dúzia de homens solteiros de boa educação, mas a reputação do seu pai descartava-a como candidata a esposa de um verdadeiro cavalheiro.

Por vezes, perguntava-se se Nathan teria considerado casar com ela se não fosse pela sua ligação à New Bedford Ships.

Não, não era justo. Nathan fora sempre encantador com ela. Não era culpa *dele* que os poucos beijos que haviam trocado não tivessem sido extraordinários — certamente a culpa teria sido dela por ter feito algo errado. Ou talvez tivesse depositado neles demasiadas esperanças.

Talvez o seu pai tivesse razão. Talvez ela lesse, de facto, demasiados romances góticos de Minerva Sharpe. Afinal, não havia homem mais encantador do que o Visconde de Churchgrove, ou mais heroico do que o Duque de Wolfplain. Ou até mais fascinante do que o malévolo Marquês de Rockton.

Fez um esgar. Como poderia pensar no Marquês de Rockton numa ocasião daquelas? Já era mau o suficiente ter-se sentido secretamente agradada quando ele escapara à justiça, no final do romance. A ingerência de um tal vilão nos seus pensamentos, quando apenas deveria pensar em Nathan, era deveras preocupante.

Talvez *não* fosse uma mulher normal. Era certamente mais aberta e combativa do que a maioria das suas conhecidas e adorava ler histórias de crime e de intrigas. O pai achava-o pouco natural.

Suspirou. Era verdade que as outras damas não pareciam ouvir com interesse ávido as histórias contadas pelos homens acerca das lutas durante a Revolução, nem ficavam absortas a ler os crimes obscuros relatados nos jornais. Nem desejavam ansiosamente resolver um crime enigmático.

Gritos repentinos de «Agarra que é ladrão! Detenham-no!», vindos de dentro da casa, arrancaram-na aos seus pensamentos. Oh, não! Com certeza que Freddy... Não seria possível...

Mas claro que era. Freddy não pensava.

Maria subiu os degraus a correr, com a espada em punho, e entrou de rompante, mesmo a tempo de ver um homem bloquear o caminho a Freddy numa escada, enquanto este empunhava um saco junto ao peito, como se fosse um escudo.

— Apanhámos-te, gatuno! — exclamou o homem.

Maria sentiu o coração cair-lhe aos pés.

Alguns degraus mais acima de onde Freddy se encontrava, apareceu o outro homem, de rosto corado e quase nu, e, mais atrás, juntavam-se outros mais, para ver o que se passava. Entretanto, mulheres em estados diversos de nudez apareciam no patamar.

— Polly! Vai chamar a polícia! — ordenou o homem a uma das mulheres.

Oh, não! Que desgraça!

Os dois homens cercaram Freddy, enquanto este gaguejava, dizendo que apenas «queria dar uma olhadela, e nada mais». Empunhando a espada, Maria brandiu-a e ameaçou o homem que estava mais próximo.

— Soltem-no! Ou juro que o corto como a uma laranja!

— Uma *laranja*? — disse uma voz arrastada, vinda da sua direita. — É essa a sua terrível ameaça, minha querida?

Maria ficou em pânico ao avistar o homem alto que surgiu vindo da sala da frente. Não trazia casaco, colete ou plastrão, e tinha a camisa aberta até meio do peito, mas o seu ar autoritário mostrava que era capaz de controlar qualquer situação, independentemente da sua indumentária. E estava demasiado perto de si.

— Para trás! — Voltou a brandir a espada, rezando para ser, efetivamente, capaz de a utilizar. Não fazia ideia de que as espadas eram tão pesadas. — Quero somente o meu primo, senhor, e depois vamo-nos embora.

— O «primo» dela tentou roubar-me o saco, Vossa Senhoria — gritou o homem que vinham a perseguir.

«Vossa Senhoria»? Maria sentiu o pulso acelerado. O homem alto não se *parecia* com os cavalheiros elegantes que imaginara a partir dos romances da menina Sharpe, embora soasse arrogante como eles. Era, porém, mais moreno do que esperava, e os seus olhos, de um brilho mortal, causavam-lhe arrepios na espinha.

Se era, efetivamente, um lorde, ela e Freddy estariam metidos em grandes sarilhos.

— Encarregue-se da mulher, que nós tratamos do indivíduo, Lorde Stoneville — disse o outro homem. — Prendemos os ladrões até que chegue a polícia.

— Não somos ladrões! — Maria brandiu a espada entre os dois homens, com o braço magoado pelo peso, enquanto olhava para o que se encontrava no cimo das escadas. — O senhor é que é o ladrão! Esse saco pertence ao meu noivo, não é verdade, Freddy?

— Não tenho a certeza — grasnou Freddy. — Ia levá-lo para o corredor, para o examinar. Mas depois este homem começou a gritar, e só pensei em fugir.

— Uma bela história — exclamou o homem com desdém.

— Olha, Tate — sugeriu então Lorde Stoneville —, se a menina... — Ergueu uma sobrancelha negra na direção dela.

— Butterfield. Maria Butterfield —respondeu ela, sem pensar.

— Se a menina Butterfield me entregar a espada, prometo arbitrar esta pequena disputa a contento de todos.

Como poderia ela confiar que um lorde meio vestido, frequentador de um bordel, arbitrasse alguma coisa com justiça? Nos livros, havia duas categorias de lordes ingleses: cavalheiros honrados e vilões perversos. Aquele parecia pertencer à dos vilões, e ela não era tola para se pôr nas mãos de um homem assim.

— Tenho um plano melhor. — Com o coração a bater-lhe aceleradamente no peito, aproximou-se para encostar a ponta da espada ao pescoço de Lorde Stoneville. — Ou lhes diz que soltem o meu primo, ou enfio-lhe a espada na garganta.

Ele nem pestanejou. Agarrou a lâmina da espada com a mão, enquanto o seu rosto se iluminava com uma expressão divertida.

— Nem pense nisso, minha querida. — Maria permaneceu imóvel, receando cortar-lhe os dedos se fizesse qualquer movimento. — Escute bem, menina Butterfield — prosseguiu ele, com uma

calma assustadora. — A menina está a ser acusada de tentativa de roubo, já para não falar na ameaça a um par do reino. Ambos os crimes são punidos com a forca. Estou disposto a ser razoável em relação à ameaça se largar a espada. Em troca, deixo-a defender-se e ao seu «primo» em relação ao roubo. — Pronunciou a palavra «primo» num tom sarcástico. — Resolveremos isto, e, se eu ficar satisfeito com a vossa inocência, a menina e o seu companheiro poderão partir. Compreendido?

Maria apercebeu-se de que nada poderia fazer, e ele sabia-o. Se o ferisse, a sua vida de nada valeria no meio daquela multidão. Tentando não dar a perceber o seu receio, declarou:

— Jura pela sua honra de cavalheiro que nos deixará partir depois de lhe explicarmos tudo? — Se ele concordasse em ser razoável, talvez não fosse um vilão. Além disso, não lhe deixava outra opção.

Lorde Stoneville esboçou um leve sorriso.

— Juro. Pela minha honra de cavalheiro.

Maria olhou para Freddy, que parecia prestes a desmaiar. Depois fitou Lorde Stoneville nos olhos.

— Muito bem. Aceitamos o acordo.

**Lorde Stoneville tem tudo na vida.
Falta-lhe apenas uma coisa: casar.**

Hester, avó de Oliver, ou Lorde Stoneville, está a perder a paciência com os seus cinco netos. Não têm qualquer disciplina e não são dignos de herdar a sua vasta fortuna. Por isso, institui um ultimato a todos eles: ou casam até ao final do ano, ou serão deserdados. Mas Oliver não quer casar, pois guarda um segredo terrível, que não pode partilhar com ninguém.

Maria Butterfield é uma americana em busca do seu noivo, que desapareceu.

Maria é herdeira de uma poderosa empresa fundada pelo pai e precisa de se casar para poder tomar posse do que lhe pertence. Farta de esperar, parte para Inglaterra para saber o que aconteceu ao seu prometido, que interrompeu a correspondência que mantinham.

**Irão ambos encontrar aquilo que procuram?
Ou descobrirão algo diferente?**

Oliver e Maria encontram-se por mero acaso e chegam a um acordo. Ela, uma americana católica, fará o papel de noiva de Oliver, pelo que certamente a avó desistirá do seu desafio por considerá-la desapropriada para casar com o neto. Ele, por sua vez, usará os seus recursos para ajudar Maria a encontrar o noivo.

**Será que esta farsa se transformará em realidade?
E irá o segredo de Oliver impedi-los de serem felizes?**

TOPSELLER
os livros em primeiro lugar
20|20 editora

ISBN 978-989-8869-69-2
9 789898 869692
Ficção Romântica